



PEDAGOGIA DO MEDO

E o ensino de filosofia como seu contraponto

Bruno Holmes Chads¹

Resumo:

O presente texto visa apresentar a etapa de um trabalho de doutorado que se debruça sobre o ensino de filosofia nas escolas. Nas recentes discussões a respeito da obrigatoriedade e mesmo permanência dessa disciplina no currículo escolar do ensino médio, cabe a pergunta a respeito da *vocação* deste tipo de ensino. Para pensar tal *vocação*, recorreremos ao filósofo Slavoj Žižek, autor que pensa o mundo contemporâneo e seus impasses a partir de uma leitura da filosofia de G. W. F. Hegel à luz do psicanalista francês Jacques Lacan e vice-versa. Como estratégia de apresentação do que chamaremos de *pedagogia da tinta vermelha*, trouxemos para o debate o que consideramos ser o seu antípoda: a *pedagogia do medo*.

Palavras-chave: Slavoj Žižek. Medo. Tinta vermelha.

¹ Doutorando pelo PPGE-UFF. E-mail: brunoholmes@id.uff.br

A expressão “pedagogia do medo” se encontra num livro intitulado *Fundamentalismo e educação*, organizado por Silvio Gallo e Alfredo Veiga-Neto. As cinco partes que constituem o trabalho têm como fio condutor o filme *A Vila* (2004), de M. Night Shyamalan. O que pode ser visto ao longo dessa obra cinematográfica é determinado uso do afeto do *medo* como meio de manutenção de coesão de um grupo de homens e mulheres que vivem numa vila que aparenta ser de um período ainda pré-industrial. Não cabe aqui entrar nos pormenores do filme, mas ressaltar nele o uso do medo e o papel da pedagogia: não era pequeno o investimento no trabalho de transmissão do medo com o fim de impedir que as pessoas da vila violassem os limites desta e terem acesso ao que estaria para além de suas fronteiras. Não é demais mencionar que eram os líderes da vila, em razão dos seus traumas de quando viviam na cidade grande, os responsáveis pela sustentação da *farsa*.

A *farsa* a que nos referimos é a da realidade do mundo em que as pessoas da vila acreditavam viver, mundo não só “parado” no tempo mas onde monstros (*Aqueles-de-quem-não-falamos*) estão sempre à espreita. Qualquer deslize, isto é, se alguém ousar sequer pensar em sair da vila, os monstros invadem, atacam. Temos aqui, portanto, dois medos: o medo que a cidade grande representa – o trabalho dos líderes de propagarem medo se justifica por essa ideia que eles próprios têm do mundo existente para além das fronteiras da vila (as tragédias e as perdas de familiares e de pessoas amadas e insubstituíveis que os fizeram questionar as razões de viver ocorreram no contexto da cidade) – e o medo das criaturas que habitam a floresta que cerca a vila, criaturas que eles não nomeiam, mas a quem chamam de *Aqueles-de-quem-não-falamos*. A função das criaturas no imaginário daqueles moradores é justamente elas concentrarem em si mesmas todo o *mal*. Tendo o mal adquirido forma através dessas figuras, os moradores acreditam ter sobre ele algum controle: atravessar ou não os limites demarcadores do espaço da vila aproxima ou afasta a morte que elas representam. É como Žižek, nas poucas palavras que dispense para comentar este filme em seu livro *Violência*, coloca:

Temos dois universos: a “sociedade de risco” moderna e aberta versus a segurança do velho universo fechado de Sentido – mas o preço do Sentido é um espaço finito, fechado e guardado por monstros inomináveis. O mal não é simplesmente excluído nesse espaço utópico fechado – é também transformado numa ameaça mítica com a qual a comunidade estabelece uma trégua temporária e contra a qual deve manter um estado de emergência permanente. (ŽIŽEK, Slavoj. 2014, p. 34)

Ora, é possível uma existência fechada sobre si mesma, uma vida, uma sociedade fechada sobre si mesma e somente para si mesma? E se for só através do medo e de seus usos políticos que se forja uma *unidade*? A vila é uma metáfora. Interessa-nos, portanto, a

questão pedagógica e suas relações com este afeto nas quais se encontram estratégias de transmissão de uma postura subjetiva que tem na *lógica do intruso* o seu modo de funcionamento, *lógica* em que se projeta o *mal* em algum elemento empírico para, conseqüentemente, excluí-lo. É sobre tal *lógica* que se constrói a *fantasia de fechamento*, que se projeta, retroativamente, o sentido de uma plenitude perdida, de uma natureza roubada.

O que está aqui sendo colocado resulta de uma reflexão que se fez ao longo de uma pesquisa a respeito da disciplina de filosofia nos ensinos fundamental e médio. Inicialmente pretendíamos pensar um método de ensino, mas semelhante pesquisa revelou-se não tão profícua em razão da existência de tantos outros excelentes trabalhos com este propósito. Quanto à *vocação* desse ensino, sobretudo quando se considera o atual contexto do país e da recente onda conservadora, vimos que pensá-la era algo urgente². E o fizemos a partir da metáfora da “tinta vermelha”. A “tinta vermelha” se encontra numa piada contada por Slavoj Žižek:

(...) um trabalhador alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que todas as suas correspondências serão lidas pelos censores, ele diz para os amigos: “Vamos combinar um código: se vocês receberem uma carta minha escrita com tinta azul, ela é verdadeira; se a tinta for vermelha, é falsa”. Depois de um mês, os amigos receberam a primeira carta, escrita em azul: “Tudo é uma maravilha por aqui: os estoques estão cheios, a comida é abundante, os apartamentos são amplos e aquecidos, os cinemas exibem filmes ocidentais, há mulheres lindas prontas para um romance — a única coisa que não temos é tinta vermelha.” (ŽIŽEK, Slavoj. 2012, p. 95)

Žižek, então, levanta as seguintes indagações:

Essa situação não é a mesma que vivemos até hoje? Temos toda a liberdade que desejamos, a única coisa que nos falta é a “tinta vermelha”: nós nos “sentimos livres” porque nos falta a linguagem para articular nossa falta de liberdade. O que a falta de tinta vermelha significa é que, hoje, todos os principais termos que usamos para designar o conflito atual — “guerra ao terror”, “democracia e liberdade”, “direitos humanos” etc. etc. — são termos falsos, que mistificam nossa percepção da situação, em vez de permitirem que pensemos nela. A tarefa, hoje, é dar tinta vermelha aos manifestantes. (ŽIŽEK, Slavoj. 2012, p. 95)

² Para mais detalhes a esse respeito, fazemos referência ao livro *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*, do professor João Cezar de Castro Rocha, no qual é descrita a lógica interna da mentalidade bolsonarista. Por que essa mentalidade descrita pelo autor interessa ao nosso trabalho? Ora, trata-se de uma mentalidade cujos eixos formadores funcionam a partir da lógica conspiracionista. Quem conspira? Inimigos internos — e ocultos — que visariam a destruição dos valores sobre os quais as sociedades ocidentais se sustentam.

Essas referências ao pensador esloveno já dão a indicação de que é da psicanálise lacaniana de onde estamos partindo para pensar a vocação do ensino de filosofia³. Mas tentemos ligar os pontos. O que o *medo* e seus meios de transmissão, exemplificado pelo filme *A Vila*, têm a ver com a tinta vermelha a que Žižek se refere na piada citada? Consideramos que o intuito de se pensar a vocação do ensino de filosofia é ter clareza quanto ao fato de que o que a filosofia transmite por meio de seus conteúdos é o contraponto da pedagogia do medo na medida em que ela constitui o exercício de um pensamento que não se deixa fechar. O ensino de filosofia, enquanto fornecedor de “tinta vermelha” com a qual articulamos nossos impasses, é o modo pelo qual o sujeito não se deixa capturar pelos discursos totalizantes.

³ Na introdução de *Interrogando o real*, Rex Butler e Scott Stephens, os organizadores do livro, escrevem que Slavoj Žižek é alguém que “(...) permaneceu extremamente fiel a seus primeiros grandes amores, Lacan e Hegel, sem nunca hesitar em relação aos dois.” (ŽIŽEK, Slavoj. 2017b, p. 9) Em *Arriscar o impossível*, Glyn Daly escreve que “(...) o paradigma žižekiano (...) extrai sua vitalidade de duas grandes fontes filosóficas: o idealismo alemão e a psicanálise.” (ŽIŽEK, Slavoj e DALY, Glyn. 2006, p. 9)

BIBLIOGRAFIA

GALLO, Silvio e Alfredo Veiga-Neto (orgs.). *Fundamentalismo e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAPLANCHE, Jean. *A angústia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj & DALY, Glyn. *Arriscar o impossível. Conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. *Interrogando o real*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência. Seis reflexões laterais*. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.